

GAGOSIAN GALLERY

CASA
VOGUE

TRUE detective

A AMERICANA TARYN SIMON EXPÕE, NA GAGOSIAN GALLERY
DE NOVA YORK, AS FLORES USADAS DURANTE ENCONTROS POLÍTICOS PODEROSOS
POR BETA GERMANO



À esq., reprodução do arranjo feito para o encontro entre o Governo Real do Camboja e o Governo da Austrália, sobre a recepção de refugiados no Camboja, parte da série *Paperwork and the Will of Capital*; e, abaixo, a artista Taryn Simon. Na pág. seguinte, do alto para baixo: sequência de pássaros de *Italy, Birds of the West Indies* e uma das mulheres de *A.6 Pussy Galore (Honor Blackman)*, ambos criados a partir dos filmes de James Bond; e *Handbag, Louis Vuitton (disguised) (counterfeit)*, da série *Contraband*

NÃO É QUALQUER ARTISTA que arranca elogios de Steven Spielberg a Hans Ulrich Obrist, passando por Salman Rushdie, Gwyneth Paltrow e Brian de Palma. Taryn Simon consegue. Com o rigor investigativo de um verdadeiro detetive – adota, inclusive, uma estética asséptica, como se estivesse reunindo provas de um crime – ela se revelou a mais intrigante fotógrafa pós-conceitual da atualidade e abre, neste mês, a mostra *Paperwork and the Will of Capital*, na Gagosian, uma evolução de seu trabalho apresentado na última Bienal de Veneza.

Ex-colaboradora da *Vogue* francesa, ela é meticulosa e cheia de chame. Gosta de registrar e catalogar coisas que não existem oficialmente, não aconteceram ou não podem ser vistas. Para fazer a série *Contraband*, passou cinco dias “morando” no





aeroporto JFK, em Nova York, para fotografar todos os itens apreendidos pela alfândega ou pelo correio, divididos em 1.075 categorias. O objetivo? Um estudo sobre consumo e comportamento. “Tenho impulsos antropológicos, mas também sou influenciada pela história da estética e pelo impacto das ideias pós-estruturalistas sobre a cultura visual”, explica a artista. O título *Birds of the West Indies* foi retirado de um livro escrito pelo ornitólogo americano James Bond – figura que inspirou Ian Fleming a escrever as histórias de espionagem. Em um trecho do trabalho, Taryn faz inventário de todos os pássaros que apareceram nas cenas dos filmes nos últimos 50 anos. Em outro, expõe todas as mulheres, as armas e os veículos da série – uma espécie de *database* visual para diagnosticar a construção de uma fantasia apoiada na repetição de elementos-chave. Bond virou o maior símbolo do homem sedutor e poderoso.

Ela tem, aliás, uma extensa pesquisa sobre como o poder é criado, executado, comercializado e mantido. *Paperwork and the Will of Capital* foi feita a partir de imagens de acordos entre chefes de Estado – pense em negociações ligadas ao armamento nuclear, petróleo ou assentamentos de refugiados, ou comercialização de diamantes. Esses encontros eram presenciados por testemunhas silenciosas: buquês impossíveis. “As naturezas-mortas da Holanda do século 17 – época do *boom* econômico no país, que marcou o início do capitalismo moderno – eram composições logisticamente impossíveis, pois aquelas flores não poderiam nascer no mesmo momento ou local. Com a evolução do mercado de flores, esses arranjos tornaram-se viáveis e são usados para decorar espaços diplomáticos”, diz ela, que importou 4 mil espécies do maior leilão de flores do mundo, em Aalsmeer, na Holanda, para reproduzir os buquês. Algumas fotos recebem molduras de mogno, que fazem alusão aos móveis desses ambientes; outras são expostas ao lado das flores já secas e parte do decreto que elas teriam presenciado.

Assim como em *Birds of the West Indies*, o objeto é, aqui, tirado de seu ambiente e isolado em um campo cromático para ser analisado como evidência de um delito. Quando pergunto sobre sua veia investigativa, Taryn confessa: “Sempre começo com algo aparentemente concreto que se despedaça em algo muito mais pesado. Tento unir estes impulsos a uma consciência de questões estéticas e suas correspondências ao longo do tempo. É uma abordagem um tanto esquizofrênica”. De fato. ●

Fotos: Taryn Simon/cortesia Gagosian Gallery e Tim Knox/eyevine/Glow Images (retrato)

